



A minha vida foi um encadeamento de experimentações. Quando me deslumbrei com o piano, que a minha mãe quis que eu aprendesse; quando a viola veio para as minhas mãos e descobri como harmonizar nas cordas; quando veio a sanfona e me trouxe a experiência de poder acompanhar grandes músicos brasileiros. As sucessões de experiências me levaram de João Pessoa para o Rio de Janeiro, para Olinda, para a Europa, para viagens inesquecíveis pelo Brasil imenso das pessoas e das paisagens, onde fui engravidando com as palavras de escritores e poetas, embalada por paisagens tão diferentes que fui ensaiando melodias, ritmos e texturas em tantas e tantas músicas e durante todos esses anos.

Experimentar é um ato de resistência. É dizer que a vida não para, que cada dia é um novo desafio, um novo alinhavo de possibilidades, um novo mundo ao virar da esquina que tem que ser vivido.

CÁTIA DE FRANÇA

Sou grata por uma vida intensa, que segue se desdobrando em novos ensaios e em novas conquistas.

Axé por essa liberdade!

Catarina Maria de França Carneiro é o nome de batismo de Cátia de França, cantora, compositora e multi-instrumentista paraibana cultuada desde seu primeiro disco, 20 PALAVRAS AO REDOR DO SOL (1979). Relançado em 2021, o trabalho tem canções inspiradas em textos de prestigiados autores da poesia moderna e do romance regional brasileiro. Entre os músicos envolvidos estão Amelinha, Bezerra da Silva, Chico Batera, Dominginhos, Elba Ramalho, Lulu Santos, Sivuca e Zé Ramalho.

Cátia seguiu uma rota errática no cenário artístico: lançou outros cinco discos (tem dois inéditos), com canções regravadas por diversos intérpretes; publicou livros e compôs trilhas para o teatro e o cinema. Passou períodos de sua vida em João Pessoa (PB), Recife (PE), Olinda (PE), Rio de Janeiro (RJ) e Nova Friburgo (RJ).

Tímida e corajosa. Urbana e bucólica. Refinada e popular. Filha de Exu e católica, experimentou na literatura o sumo que gerou sua obra – atual e com grande produção inédita. Não lê partituras, mas produz música com criatividade e sofisticação. Recusa convites de parcerias com celebridades. Não mede palavras para exorcizar seus demônios nem para execrar seus desafetos. Da mesma forma, esbanja doçura e delicadeza para declarar afetos e honrar seus deuses.



Sua mãe, Adélia de França [Aliança (PE), 1904 – João Pessoa, 1981], foi uma intelectual e a primeira professora negra da Paraíba. Foi ela quem alfabetizou a filha e a iniciou na música na primeira infância.

Cátia é um corpo que luta constantemente contra o preconceito de raça e de gênero – miúda e com trejeitos contidos, quando é confundida com homem, segue em frente, com doçura e astúcia que fazem jus ao apelido que recebeu da mãe, Cristal, merecido também quando surge preciosa no palco.

Dos experimentos da vida e da arte, diz só não ter provado dois: o santo-dai-me e a ideologia política conservadora. O resto ela certamente já experimentou e segue experimentando, espalhando estilhaços de amor.



**UMA MULHER AO REDOR DO SOL** Tem gente por aí que alavanca todo dia o mundo sem o mundo nem saber. Não desiste do que intui, não abandona o que deseja, não se esquece do que ainda falta e, com o que em princípio parece tão pessoal, convoca e estimula o coletivo. Cátia de França tem tido uma jornada, com seu violão em punho e sua voz em riste, que nos prova que as forças da natureza correm nas suas veias sem descanso, e que ela é um desses pilares de resistência e de talento musical que deveriam estar bem mais nas bocas de cena e na boca do povo. • Quando já estávamos delirando sobre este prêmio tão cuidadoso, por obra do destino, aconteceu de assistirmos a ela no Sesc Pompeia, em São Paulo. Eu estava

emocionada por vários motivos, entre eles por ter tomado conhecimento de suas peripécias com o álbum ESTILHAÇOS, no começo dos anos 1980, quando minha carreira musical dava os primeiros passos, e seus sons me provocaram e estimularam profundamente. Eu nunca a tinha visto ao vivo. Foi um dos primeiros shows a que pude comparecer após a pandemia. Quando Cátia adentrou o palco, aconteceu uma espécie de aquecimento, uma pajelança de palavras e ritmos, em que ela parecia saudar com sua banda aquele momento, abrindo as comportas da música e da conexão com o público. Ao final dessa chegada, ela disse algo como: “Agora, sim!”. E o show começou. A plateia jovem não tirava o sorriso do rosto, e as letras das músicas soavam com voz de saudade de dentro de seus carinhos e empolgados admiradores, entre os quais eu me incluía perfeitamente. • Vigor e irreverência, criatividade sem amarras, sem concessões para fazer parte de um possível mercado ou para ter seguidores, falando na língua dos tempos de hoje. Ora, ser mulher é o primeiro salto radical que precisamos dar para dentro da vida. Depois disso, é sempre seguir ousando cada vez mais. Saltos triplos, carpados, mortais. Solos, barras, argolas e todo um circuito exigente para cumprir. Mulher e instrumentista, mulher e compositora, mulher e líder da banda, mulher e as escolhas, mulher e os desejos, mulher e o tempo. O preço que pagamos por nossa condição nunca deixa de aparecer. Mas Cátia nunca pediu descontos, nunca regateou e nunca esperou no ponto. Foi abrindo seus caminhos e sobrevivendo de seu ofício com coragem e muita paixão. Encontrou o mais precioso tesouro de um artista, sua singularidade, sua maneira de dizer a que veio por meio da música. • O verbo que lhe coube foi EXPERIMENTAR. Fiquei pensando... Experimente ser Cátia para ver o que é bom para a tosse! Experimente essa alegria intacta depois de décadas; experimente ser uma negra nordestina com uma força arretada, filha da primeira professora negra da Paraíba; experimente tocar o violão com essa mão direita tão firme e suingada. Agora escreva “ex-pe-ri-men-tar” 20 vezes ao redor do Sol e você vai ver se formar na sua frente o nome CÁTIA DE FRANÇA! **ZÉLIA DUNCAN**